



Componentes socioculturais dos vendavais em Boane, Sul de Moçambique - uma análise de condutas, danos e respostas locais

Baltazar Muianga¹, Sophie Blay², Orlando Nipassa^{3*}

¹Doutor em Relações Interculturais, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

²Mestranda em Geographies of Global Inequalities, Freie Universität Berlin.

³Doutor em Sociologia do Desenvolvimento, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. (*Autor correspondente: orlando.nipassa@gmail.com)

Histórico do Artigo: Submetido em: 27/10/2023 – Revisado em: 01/11/2023 – Aceito em: 20/11/2023

RESUMO

Este artigo procurou fazer uma análise sociocultural dos vendavais e ventos fortes no Distrito de Boane, no sul de Moçambique. A partir de uma metodologia qualitativa, consubstanciada em uma abordagem fenomenológica, de caráter exploratório, a pesquisa possibilitou uma vasta recolha de dados qualitativos, incluindo entrevistas e fotografias, que registram as vivências, conhecimentos e anseios de residentes da zona. Assim, investigou-se o conhecimento da população sobre a ocorrência de eventos extremos e as medidas de mitigação que adotam. Todavia, os dados de campo revelam que apesar de grande parte da população de Boane possuir conhecimento significativo sobre os eventos extremos, uma parcela substancial dos moradores tem pouco conhecimento, especialmente sobre medidas de mitigação. Descobriu-se, também, que fatores de ordem cultural e divina moldam a forma como uma parte considerável da população interpreta os vendavais e ventos fortes. Adicionalmente, foram analisados os motivos que levam as pessoas a permanecer na zona, apesar da recorrência de desastres naturais. Os resultados foram categorizados em (1) razões económicas, financeiras e de sobrevivência, e (2) razões sociais e culturais. Em conclusão, os moradores de Boane se encontram em uma situação de risco e vulnerabilidade marcada pela dificuldade de resistir e se recuperar de um evento climático extremo. Assim, afigura-se necessário que os mecanismos de resiliência adotados pela população sejam expandidos e, sobretudo, sejam implementadas políticas públicas capazes de oferecer maior segurança à população.

Palavras-Chave: vendavais e ventos fortes; vulnerabilidade; resiliência; desastres naturais; Boane/Moçambique.

ABSTRACT

The aim of this article is to make a sociocultural analysis of storms and strong winds in the district of Boane, in the south of Mozambique. From a qualitative methodological perspective, underpinned by an exploratory phenomenological approach, the research yielded an extensive dataset of qualitative information, including interviews and images. This dataset revealed the living conditions, insights, and concerns of the residents. Additionally, it investigated the population's knowledge on the occurrence of extreme events and the mediums of mitigations that they adopt. The data from the investigation revealed that even though the majority of Boane's residents have significant knowledge of extreme events, there is a gap in knowledge about mitigation methods. It was also encountered that sociocultural and spiritual factors have shaped how many residents interpret the extreme weather events. Furthermore, the investigation analyzed the motives which lead residents to remain in the area despite the recurrent natural disasters. Most of the responses indicate financial and sociocultural reasons for persistence. In conclusion, the residents of Boane are in a risky and vulnerable situation, marked by difficulties in resisting and recouping after an extreme weather event. Therefore, it is important to note that the mechanisms of resilience adopted by the population should be expanded, specially by public policies, which can offer better life conditions and more safety to the residents of Boane.

Keywords: windstorms and strong winds; vulnerability, resilience; natural disasters; Boane/ Mozambique.

1. Introdução

Moçambique é o segundo país em África mais afetado por eventos extremos relacionados ao clima (CRED Crunch, 2019). Em consequência de sua morfologia e localização geográfica, o país é frequentemente exposto a catástrofes naturais ligados ao clima, como cheias, ciclones e secas (Manjoro *et al.*, 2019, Jacobs & Almeida, 2020, p. 7), que afetam diversos sectores de atividade, provocando grandes danos, como destruição de infraestruturas sociais, moradias e plantações. Uma parte considerável da população de Moçambique está exposta a ameaças climáticas cíclicas, que colocam em risco a vida e a fonte de sustento familiar. “Estima-se

que 25% da população de Moçambique vive em áreas expostas a ameaças recorrentes (cíclicas) – Ciclones, Cheias, Sismos e Secas” (MEDH, 2014, p.5).

Dentre as regiões mais afetadas por vendavais, ventos fortes e fenômenos associados está o Distrito de Boane, localizado no sudeste da Província de Maputo (Governo da Província de Maputo, 2017). Boane é predominantemente agrícola e grande parte da população obtém sua fonte de sustento a partir de machambas¹, tornando o distrito marcado pela agricultura privada e familiar (Governo da Província de Maputo, 2017). Tendo em vista que vendavais e ventos fortes são fenômenos recorrentes nessa região, pode-se falar de um perfil histórico que marca a cronografia desta zona. Portanto, é de extrema importância não apenas estudar as razões climáticas que levam a tais eventos, mas também os aspectos socioculturais relacionados, para compreender como a população entende e lida com a recorrência de desastres.

Devido a isso, a pesquisa apresentada neste artigo teve como foco analisar – através de uma lente sociocultural – a situação de risco e vulnerabilidade no Distrito de Boane, e examinar como a população interpreta e encara tais desastres naturais frequentes. Para isso, os danos humanos e materiais causados por vendavais e ventos fortes foram registrados, quantificados e avaliados. O conhecimento da população de Boane sobre tais eventos e as possíveis medidas de mitigação também foram analisados. Para além disso, foi estudando quais fatores económicos, sociais e culturais que levam a população a permanecer em áreas frequentemente afetadas por esses vendavais e ventos fortes.

Para uma melhor contextualização deste artigo, em um primeiro passo, os termos “vulnerabilidade” e “risco” serão definidos com base na literatura atual. Em seguida, serão apresentados o material e método utilizado para a análise, seguido dos resultados empíricos e uma breve conclusão.

1.1. Como entender “risco” e “vulnerabilidade”

Para uma compreensão mais aprofundada da situação vivida pela população de Boane e uma melhor contextualização dos dados recolhidos, faz-se necessário esclarecer os conceitos de “risco” e “vulnerabilidade”, especialmente em relação a ameaças relacionadas a desastres naturais.

De início, é importante salientar que não existe uma definição única para esses termos. Dependendo da área de estudo e do contexto, tanto a noção de vulnerabilidade quanto de risco pode variar. No entanto, frequentemente, esses conceitos estão relacionados e apresentam algum tipo de correlação.

O conceito de risco, e mais especificamente, a análise de risco, permeia tanto as ciências naturais, quanto as ciências da sociedade (Conjo *et al.*, 2021, p. 606), e está diretamente ligado a ideia da perda. Afinal, somente está em risco quem tem algo a perder – sejam bens materiais, o trabalho ou até mesmo a própria vida. Por essa razão, a ideia de risco é comumente associada a seres humanos, embora não seja exclusiva a eles.

Uma possível definição de risco foi proposta por Cunha e Dalledone Siqueira da Cunha (2012), que a definem como o resultado da multiplicação da frequência dos eventos acidentais pelas consequências (Cunha & Dalledone Siqueira da Cunha, 2012, p. 77). Ou seja, para mensurar o risco, é necessário não só entender a intensidade e a frequência dos desastres em si, mas também analisar as (possíveis) consequências associadas. Conjo *et al.* (2021) empregam uma equação semelhante, definindo o risco como o produto da perigosidade pela vulnerabilidade. Portanto, para uma análise de risco, é necessário não apenas considerar a possibilidade de exposição a um determinado fenômeno natural, mas também avaliar o grau de vulnerabilidade das pessoas expostas.

Essas equações deixam claro que vulnerabilidade e risco estão intrinsecamente ligados e devem ser considerados conjuntamente. Vulnerabilidade, embora seja um termo frequentemente utilizado, também não apresenta uma única definição. Mesmo que muitas vezes seja utilizado como sinônimo de pobreza, esses dois conceitos não são exatamente equivalentes, embora estejam relacionados (Salvador da Conceição Rebelo, 2020, p. 106-107). No contexto deste estudo, vulnerabilidade diz respeito “ao grau em que os sistemas têm a capacidade de enfrentar, resistir e recuperar do impacto de um choque ou stress” (Jones *et al.*, 2010, p. 2, tradução própria do inglês) e, portanto, deve ser entendida como algo que vai além da situação financeira da população. A vulnerabilidade está, portanto, relacionada à forma como uma comunidade suporta e responde a determinado desastre de uma forma geral (Conjo *et al.*, 2021, p. 608). Isso quer dizer que, para entender o grau de vulnerabilidade ao qual a população em Boane está exposta, devemos analisar a capacidade do sistema, das estruturas sociais e de infraestrutura de se recuperar de um evento natural extremo.

2. Material e Método

¹ “Designação que se atribui localmente às parcelas de cultivo” (Braga 2019: 3).

Para a realização deste estudo contamos com o envolvimento de uma equipe interdisciplinar e multi-setorial, com particular destaque para especialistas da UEM e técnicos do INGC². Optamos por uma abordagem exploratória e de carácter qualitativo (Misoch, 2015), o que nos permitiu compreender de forma detalhada os significados e características situacionais apresentadas pelos nossos entrevistados. A pesquisa qualitativa em sociologia trabalha frequentemente com “significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2001, p. 21-22), que não podem ser operacionalizadas em variáveis e questões meramente quantitativas, uma vez que respondem às noções muito particulares (Minayo, 2001, p. 21-22).

Em relação ao método, adotamos uma abordagem fenomenológica (Knoblauch, 2009) para captar as experiências vividas e o acervo de conhecimento das comunidades afetadas por eventos climáticos extremos. Desse modo, o estudo foi realizado no Distrito de Boane, particularmente em áreas devidamente mapeadas que enfrentam ciclicamente o problema de vendavais, ventos fortes e fenómenos associados, nomeadamente os povoados de Mahubo, 25 de junho, 25 de setembro e Marien Nguabi.

A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas (Misoch, 2015) e observação direta. Relativamente aos métodos e técnicas de amostragem, optamos pela amostragem não probabilística, intencional e por conveniência. Todo o processo de recolha de dados, tratamento, análise, interpretação e elaboração do relatório obedeceu cuidadosamente às questões éticas de pesquisa, privilegiando o consentimento informado, privacidade e confidencialidade.

Ao todo, selecionamos 70 agregados familiares, sendo a maioria dos entrevistados do sexo masculino, representando uma percentagem de 71%, em comparação com os 29% do sexo feminino. Quanto à faixa etária, o estudo abarcou indivíduos entre 17 a 80 anos de idade. No que diz respeito ao nível de escolaridade, a maioria dos entrevistados possui um baixo nível de escolaridade, com 44% apresentando o ensino primário incompleto, e apenas 1% que completaram o ensino técnico e superior.

Além disso, os dados indicam que mais da metade dos entrevistados trabalha na ocupação camponesa, isto é, na área da agricultura, pastorícia, por conta própria entre outros, revelando de fato que a agricultura é a base da economia distrital.

3. Resultado e Discussão

3.1. Danos humanos e materiais causados por vendavais e ventos fortes

O Distrito de Boane tem sido frequentemente impactado por eventos climáticos extremos, e entre eles, os vendavais e ventos fortes, que são o foco deste artigo, constituem uma parte significativa desses desastres. Para além dos vendavais e ventos fortes também são notáveis a frequência de chuvas e cheias, assim como períodos de seca, que marcam a cronografia desta zona (Governo do Distrito de Boane, 2018; Delegação do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades, 2019; Governo do Distrito de Boane, 2020).

Os vendavais e ventos fortes ocorridos em Boane têm provocado uma série de destruições de infraestruturas, tanto totais quanto parciais, incluindo a destruição de culturas e árvores, além de causar perdas humanas e de animais ao longo do tempo. Embora não haja uma coletânea completa de dados oficiais que mensuram os danos causados pelas catástrofes naturais na região, esta pesquisa conseguiu quantificar os danos humanos e materiais dos últimos eventos extremos relacionados a vendavais e ventos fortes. Os dados recolhidos são referentes ao vendavais e ventos fortes dos dias 20 de fevereiro de 2016, 24 de outubro de 2016, 23 de fevereiro de 2019 e 16 de abril de 2020 e representam uma junção de diferentes notícias que relataram os fatos logo após o ocorrido (Jornal Notícias, Fev. 2016; Folha de Maputo, Fev. 2016) e informações disponibilizadas pela Delegação do INGC (Delegação do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades, 2016; Delegação do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades, 2019; Delegação do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades, 2020).

Na tabela a seguir, é possível visualizar a dimensão dos últimos vendavais em Boane e seus efeitos nocivos. É importante mencionar que, devido à falta de um registro completo de todos os danos causados por vendavais e ventos fortes, algumas informações continuam ausentes na tabela a seguir:

Tabela 1: Danos humanos e materiais dos últimos vendavais em Boane

² O INGC (Instituto Nacional de Gestão de Calamidades) foi convertido ao INGD (Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastres) em 2020. Enquanto o INGC era uma instituição reativa subordinada ao Ministério da Administração Estatal e Função Pública, a atividade do INGD está diretamente voltada à prevenção e é subordinada ao Conselho de Ministros (Siteo, 2023, p. 7).

	Vítimas mortais	Pessoas feridas	Destruição de casas*	Desabamento de árvores	Destruição de salas de aula*	Destruição de aviários	Destruição da cobertura do Posto de Saúde e infraestruturas do Comité de Círculo	Destruição de postes de energia elétrica	Destruição de casas de culto
20/02/2016	8	70	795		21	12		20	11
24/10/2016		10							
23/02/2019		2	46		7				
16/04/2020			39	20			2		

* destruição parcial ou total

Paralelamente aos dados estatísticos, também foi possível observar uma ampla destruição de infraestruturas sociais e económicas nas zonas afetadas pelos vendavais através de imagens e relatos em entrevistas. Durante as conversas com nossos informantes, eles relataram principalmente a queda de árvores, perda e morte de animais de pequeno porte, como aves, poedeiras, cabritos, além de danos em eletrodomésticos e destruição de culturas. Também mencionaram danos em infraestruturas, como postes de energia elétrica, resultando em cortes no fornecimento de energia elétrica de inúmeras pessoas. Além disso, alguns entrevistados lamentaram a perda de entes queridos em decorrência dos vendavais.

Em particular, alguns informantes detalharam a destruição de casas e destacaram como a forma de construção e os materiais utilizados na obra influenciam a resistência das moradias perante desastres naturais, impactando negativamente a segurança da população, assim como o desenvolvimento social e econômico da comunidade.

Imagem 1 e 2: Casas totalmente destruídas depois dos vendavais em fevereiro de 2016



Fonte: (Autor, 2020)

Acima, as imagens exemplificam a devastação total de algumas casas construídas de forma mais simples, evidenciando os efeitos do vendaval ocorrido em fevereiro de 2016. Esta situação enfatiza a necessidade de compreender os aspectos e impactos socioeconômicos desses eventos climáticos extremos, que contribuem para a situação de vulnerabilidade da população de Boane.

3.2. Conhecimento da população sobre a ocorrência de eventos extremos e medidas de mitigação

Em relação ao conhecimento da população acerca dos vendavais e ventos fortes, as entrevistas revelaram, que todos os informantes têm um conhecimento substancial sobre estes fenômenos. Os sinais e causas atribuídos a tais eventos extremos são frequentemente similares, embora nem sempre congruentes. Entre os sinais mencionados, os mais citados foram mudanças repentinas de temperatura, temperaturas altas e céu nublado acompanhado de poucas precipitações.

Adicionalmente, os entrevistados demonstraram conhecimento sobre os locais que mais sofrem os efeitos dos ventos e vendavais, nomeadamente os bairros de Mahubo, 10, 14, Sardane; 25 de setembro; 25 de Junho e Eduardo Mondlane. O que diz respeito às causas de tais eventos extremos, uma parte considerável dos entrevistados associa a ocorrência desses eventos extremos a ausência de árvores, à fraca construção de casas e a configuração aberta da região, como mostram os trechos a seguir:

“Os ventos fortes e vendavais devem-se a falta de árvores plantadas ao nível da região para poderem reduzir a ação dos ventos” (E40, F, 52 Anos).

“Não tenho causas detalhadas mas creio por ser um bairro sem muitas residências e por isso tem espaço e isso influencia a circulação dos ventos com alta velocidade” (E1, F, 34 Anos).

Paralelamente, a percepção sobre a ocorrência de vendavais no Distrito de Boane também está frequentemente associada a fatores de ordem cultural e divina por parte de alguns membros da comunidade. Tais interpretações de caráter religioso revelam um sentimento de impotência da população perante eventos naturais extremos, como pode ser observado nos trechos de entrevistas a seguir:

“São coisas da tradição, segundo os nossos antepassados o que está por detrás de ventos fortes e vendavais é uma cobra gigante chamada Nwamulambo que quando passa destrói tudo que encontra pela frente” (E41, F, 55 Anos).

“Segundo a tradição os ventos fortes e vendavais devem-se a passagem de uma grande cobra chamada Nwamulambo” (E45, M, 28 Anos).

“Ventos fortes e vendavais são coisas de Deus por isso é difícil dizer a que se deve a ocorrência desses fenómenos” (E39, F, 38 Anos).

Nesse contexto, é interessante mencionar que em uma pesquisa abrangendo cinco regiões diferentes do mundo, os autores Ayeb-Karlsson *et al.* (2019) analisaram a influência de aspectos culturais e sociais nas percepções de perigos ligados a desastres naturais. Eles observaram como a religião pode influenciar a forma como as pessoas entendem e lidam com eventos extremos (Ayeb-Karlsson *et al.*, 2019, p. 762) e argumentam que fatores de cunho cultural-religioso podem afetar de forma significativa o “*disaster risk reduction*” (redução do risco de desastres), apresentando, portanto, resultados alinhados com os relatos do Distrito de Boane.

Em relação ao conhecimento sobre as medidas para a mitigação do risco de vendavais, ventos fortes e fenómenos associados, os dados da pesquisa revelam que um pouco mais da metade dos entrevistados, cerca de 56%, tem conhecimento sobre medidas para a minimização do impacto de vendavais. No entanto, vale ressaltar que um número considerável, cerca de 44% dos entrevistados, desconhece a existência de quaisquer medidas tomadas para a mitigação do risco de vendavais e ventos fortes neste distrito.

Com base nas informações fornecidas pelos entrevistados, o INGC foi a instituição mais citada no referente à ajuda que a comunidade recebe para minimizar os efeitos nefastos dos vendavais e ventos fortes no Distrito de Boane. Essas medidas incluem a disponibilização de lonas e tendas, distribuição de *kits* para famílias afetadas e prestação de solidariedade aos feridos e às famílias que perderam seus entes queridos.

A comunidade também destacou o apoio prestado na disseminação de informação sobre as medidas de precaução, realizado por uma equipe treinada pelo INGC. Além disso, o plantio de árvores em zonas abertas também foi mencionado como uma das medidas implementadas para minimizar os riscos associados aos vendavais.

Quanto às informações meteorológicas, cerca de 64.9% dos entrevistados revelaram ter acesso à previsão do tempo, que pode indicar a ocorrência de chuvas, vendavais e ventos fortes. Além dessas fontes, nossos informantes afirmaram receber informações adicionais a partir das autoridades locais, principalmente por meio de chefes de quarteirão do bairro e também dos vizinhos, demonstrando apoio mútuo da comunidade para fazer face aos efeitos de catástrofes.

3.3. Razões pelas quais as pessoas ficam: compreendendo motivação sociais, culturais, econômicas e financeiras

Tendo em vista os riscos humanos e materiais atrelados aos recorrentes vendavais em Boane, o interesse central desta pesquisa não se limitou apenas a entender as consequências desses desastres naturais, mas também a compreender, por meio de entrevistas, os fatores que contribuem para a permanência da população em locais de risco, dado que “ameaças climáticas frequentemente atuam em conjunto com outros fatores na decisão de uma possível migração” (Hoffmann, 2021, p. 143, tradução própria do alemão). Nossos informantes relataram diversas motivações que levam a população a permanecer em regiões frequentemente afetadas por vendavais e ventos fortes, as quais podem ser divididas em duas categorias analíticas: (1) razões econômicas, financeiras e de sobrevivência e (2) razões sociais e culturais. Ambos os pontos serão detalhadamente apresentados no decorrer deste capítulo.

De uma forma geral, a falta de condições econômicas e financeiras é tida pela comunidade como um fator-chave na explicação de sua permanência nos locais de risco. Os informantes explicaram em entrevistas que não tem condições financeiras para se mudar para zonas mais seguras e ressaltam que perderiam sua fonte de sustento, uma vez que grande parte da população de Boane depende da criação de gado e machambas.

“As pessoas continuam nas zonas de risco por falta de condições financeiras para se erguerem em outras zonas seguras” (E14, F, 26 Anos).

“As pessoas permanecem nas zonas de riscos porque não existe outro sítio as pessoas possam progredir com as suas vidas, aqui é onde as pessoas continuam praticando as suas atividades, como machambas e criação de gado” (E44, F, 55 Anos).

Além disso, os informantes criticaram a processo de reassentamento oferecido pelo governo. Eles apontaram que, mesmo quando a população recebe a possibilidade de se mudar para outra zona, as condições oferecidas não são adequadas, tornando o reassentamento uma opção difícil ou até mesmo impossível. Dentre os problemas evidenciados pelos informantes durante as conversas, estão a falta de infraestrutura básica, como acesso a água, escolas, hospitais e transporte.

“A permanência das pessoas deve-se falta de condições necessárias para a aquisição de melhores espaços. E por vezes as condições de reassentamento não são adequadas. Por exemplo, aqui temos água, energia, sistema de transporte já desenvolvido, escolas, etc. e quando as pessoas são reassentadas geralmente só lhes dão tendas, sem as condições que acabei de dizer” (E38, M, 40 Anos).

A prática de reassentamento é recorrente em Moçambique, devido ao processo de expansão urbana no país e à frequente ocorrência de diversas catástrofes naturais, incluindo enchentes, além dos vendavais e ventos fortes. No entanto, diversas pesquisas já apontaram para falhas significativas no processo de reassentamento, que impedem ou dificultam as atividades diárias da população reassentada (por exemplo Milgroom & Spierenburg, 2008; Arnall *et al.* 2013, Ozawa, 2018; Jacobs & Almeida, 2020; Salvador da Conceição Rebelo, 2020; de Azivedo Artur Manhique, 2022).

Ozawa (2018), por exemplo, demonstrou, que após a construção da ponte entre Maputo e Catembe o custo de vida da população reassentada aumentou significativamente, limitando o acesso a serviços sociais básicos. Em um outro estudo abrangendo três casos diferentes, Manhique (2022) mostrou como um processo de reassentamento mal conduzido pode constituir “fatores de pobreza para as comunidades locais, ao condicionarem e atropelarem os direitos sociais das mesmas” (de Azivedo Artur Manhique, 2022, p. 17). Em uma terceira pesquisa conduzida por Arnall *et al.* (2013) também puderam ser observados resultados parecidos. Eles analisaram dois casos de reassentamento pós-enchente em áreas rurais de Moçambique e concluíram que “a viabilidade dos meios de subsistência é um fator determinante para que os indivíduos permaneçam no seu novo local de residência ou regressem ao seu local de origem” (Arnall *et al.*, 2013, p. 485).

Esses problemas e receios associados ao processo de reassentamento também foram apontados por nossos informantes nas entrevistas, evidenciando como a simples mudança para uma zona menos afetada por vendavais e ventos fortes não implica automaticamente em uma melhoria das condições de vida da população. Portanto, as comunidades locais muitas vezes permanecem em locais de risco por receio de agravar sua situação econômica e social, uma vez que consideram que nos novos espaços não estão garantidas as condições básicas para a sua sobrevivência após a saída das zonas de risco.

Além das questões de ordem econômica, financeira e de sobrevivência, os informantes também apontaram motivações sociais e culturais que os levam a permanecer em zonas de risco. Para alguns informantes, o local de residência possui um grande valor simbólico e espiritual, pois os conecta aos seus antepassados e perpetua suas práticas tradicionais e culturais, como valores, hábitos, crenças e costumes. Essa ideia reflete a visão da socióloga americana Ann Swidler, que afirma que pessoas não apenas vivem dentro de uma cultura, mas também usam seus elementos para informar seu comportamento, tomar decisões e fazer as suas escolhas (Swidler, 1996). Portanto, a cultura dos indivíduos em Boane afeta a sua existência social e também funciona como um *tool kit* cultural (Swidler, 1996, p. 273), pelo qual alguns residentes orientam as suas linhas de ação e dão sentido às suas opções de vida e, por conseguinte, sua persistência em permanecer em locais expostos aos riscos. Os trechos que se seguem são elucidativos de tal fenômeno:

“Na verdade, as pessoas não saem desta zona porque têm aqui a sua vida e sua história. As nossas famílias nasceram aqui, nossos filhos nasceram aqui. Estamos habituados a viver aqui, temos a nossa tradição e cultura nesta zona. Fora disso temos as nossas machambas, gado, cabritos (...) como vamos sair daqui?” (Diário de campo, Boane, 2020).

“As pessoas permanecem nas zonas de riscos por causa de hábitos e por ter coisas que lhes ajudam a sobreviver, tais como machambas e criação de gado” (E41, F, 55 Anos).

Se mostra, portanto, necessário também levar em consideração “laços afetivos” intergeracionais, que a população estabelece ao passar do tempo com os lugares de origem (Borghetti Alves, 2014). Tais laços se constituem a partir de diversas formas, como em relações sociais, ambientais, culturais e com base nas características físicas do distrito de Boane (Borghetti Alves, 2014, p. 34) e precisam ser levados em consideração em análises sobre reassentamento e migração.

Uma outra razão para a permanência da população em Boane está relacionada à percepção dos vendavais como fenômenos naturais associados à tradição, espiritualidade e divindades. Esta visão de mundo leva a comunidade a encarar os eventos extremos como inerentes a existência humana, considerando-os impotentes diante desses fenômenos. Logo, tais eventos são vistos como algo que “sempre existiu e sempre existirá”, e, portanto, não se pode “fugir” deles. Na visão de uma considerável parcela dos entrevistados, vendavais e ventos fortes são inerentes a natureza divina.

Essa forma de interpretação religiosa de desastres naturais já pode ser identificada em outros contextos, como apontaram os pesquisadores Macamo e Jöckel (2005) no caso da enchente ocorrida no Sul de Moçambique em 2000. Em seu artigo, Macamo e Jöckel explicam as diversas interpretações culturais para os desastres naturais na região, como sendo um sinal de fúria vindo de espíritos dos antepassados, divindades ou relacionados à presença de bruxaria (Macamo & Jöckel, 2005, p. 394-397).

“É muito difícil avançar medidas que devem ser tomadas para as pessoas não permanecerem nas zonas de riscos porque do vento não se pode fugir, ele pode apanhar-te em qualquer sítio” (E41, F, 55 Anos).

“As pessoas permanecem nas zonas consideradas de risco porque elas não têm a consciência de que se encontram de facto em zonas de risco em termos de ocorrência ventos fortes e vendavais” (E43, M, 67 Anos).

“Sob ponto de vista da prevenção, não há nada que se possa fazer por ser este, um fenómeno de origem natural e sobrenatural” (E39, F, 38 Anos).

Os depoimentos acima sugerem não apenas uma forte ligação entre fenômenos naturais e interpretações de ordem cultural e espiritual, mas também demonstram como os residentes das comunidades em Boane permanecem nas zonas de risco devido à percepção de que ventos fortes são fenômenos existentes em todos os lugares e que não há como evitar o risco associado aos vendavais. Portanto, fica evidente a necessidade de disseminação de informações, principalmente em relação a métodos de mitigação de riscos, para a proteção das famílias em situação de vulnerabilidade, com simultaneamente sensibilidade e respeito diante das crenças e tradições locais.

5. Conclusão

Em suma, a presente análise exploratória do cenário em Boane enfatizou a necessidade de compreender e analisar os vendavais e ventos em Boane por meio de uma lente multidisciplinar, que não leva apenas em consideração aspectos de ordem natural, mas também elementos socioculturais.

A população de Boane é frequentemente afetada e ameaçada por eventos naturais extremos, como vendavais e ventos fortes, que ameaçam constantemente a destruição de infraestruturas sociais, econômicas e culturais, e, conseqüentemente, a vida humana. Apesar da pesquisa ter mostrado que uma parcela significativa da população tem conhecimento sobre esses eventos extremos, principalmente graças ao trabalho da INGC, as medidas de mitigação em vigor ainda são insuficientes para garantir a segurança da população.

Para melhorar as condições de vida dos moradores de Boane, aumentar a capacidade de resiliência face a desastres naturais e, conseqüentemente, reduzir a vulnerabilidade a que estão expostos, é imprescindível a adoção de medidas privadas de mitigação e, principalmente, de políticas públicas eficazes. Entre as medidas que deveriam ser implementadas estão a construção de abrigos comunitários e escolas resilientes, o reforço de um sistema de aviso prévio, a sensibilização comunitária em matéria de gestão de risco e a melhoria do programa de reassentamento da população.

Afinal, como evidenciado no último capítulo, os residentes apresentam razões sociais, culturais, econômicas e financeiras para permanecer em zonas frequentemente afetadas por eventos extremos. Isso sinaliza que para a diminuição do risco, o foco não pode estar apenas no reassentamento e na migração, mas, principalmente, em como tornar a população de Boane menos vulnerável e, conseqüentemente, mais capaz de resistir e se recuperar de um evento natural extremo.

7. Referências

Arnall, A.; Thomas, D. S. G.; Twyman, C.; Liverman, D. (2013): Flooding, resettlement, and change in livelihoods: evidence from rural Mozambique. Em: *Disasters* 37 (3), pág. 468–488.

Ayeb-Karlsson, S.; Kniveton, D.; Cannon, T.; van der Geest, K.; Ahmed, I.; Derrington, E. M. (2019): I will not go, I cannot go: cultural and social limitations of disaster preparedness in Asia, Africa, and Oceania. Em: *Disasters* 43 (4), pág. 752–770.

Borghetti Alves, R. (2014): “Lar Doce Lar”: Apego ao lugar em área de risco diante de desastres naturais (Dissertação). Florianópolis: UFSC.

Braga, C. T. (2019): “Machamba não é trabalho!”: HIV/SIDA e Produção Agrícola no centro de Moçambique. Em: *Revista Estudos Feministas* 27 (3).

Budliger, H. (Ed.) (2021): *Demografischer Wandel und Wirtschaft*. Wiesbaden: Springer Gabler.

Conjo, M.; Chichango, D. B.; de Paula e Souza, P.; Tole Tambo Foquiço, H. L.; Matlava, I. V. S.; de Jesus, O. M. (2021): A importância da comunicação do risco de desastres naturais: um olhar sobre a realidade moçambicana. Em: *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE* 7 (12), pág. 602–623.

CRED Crunch (2019): *Disasters in Africa: 20 Year Review (2000-2019*)*. Issue No. 56.

Cunha, I.; Dalledone Siqueira da Cunha, R. (2012): A comunicação dos riscos na preparação para emergências ambientais: referências conceituais. Em: *CLIMEP – Climatologia e Estudos da Paisagem* 7 (12), pág. 76–100.

Governo da Província de Maputo (2017): *O Distrito. Geografia do Distrito*. On-line. Disponível em <https://www.pmaputo.gov.mz/por/Ver-Meu-Distrito/Boane/O-Distrito>, última verificação em 22/07/2023.

Hoffmann, R. (2021): *Umwelt, Klima und Bevölkerung*. Em: Hendrik Budliger (Ed.): *Demografischer Wandel und Wirtschaft*. Wiesbaden: Springer Gabler, pág. 131–148.

Jacobs, C.; Almeida, B. (2020): *Relatório de pesquisa. Propriedade e alterações climáticas: direitos e deslocados ambientais em Moçambique*: Van Vollenhoven Institute for Law, Governance and Society.

- Jones, L.; Jaspars, S.; Pavanello, S.; Ludi, E.; Slater, R.; Arnall, A. (2010): Responding to a changing climate: Exploring how disaster risk reduction, social protection and livelihoods approaches promote features of adaptive capacity. Working Paper 319. London: Overseas Development Institute.
- Kneer, G.; Schroer, M. (Ed.) (2009): Handbuch Soziologische Theorien. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften.
- Knoblauch, H. (2009): Phänomenologische Soziologie. Em: Georg Kneer e Markus Schroer (Ed.): Handbuch Soziologische Theorien. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, pág. 299–322.
- Macamo, E.; Jöckel, A. (2005): Andere Länder, andere Katastrophen: Zur lokalen Wahrnehmung und Erfahrung von Krisen und Katastrophen am Beispiel von Mosambik und Sudan. Em: Internationale Schulbuchforschung 27 (4), pág. 389–401.
- de Azivedo Artur Manhique, T. (2022): Reassentamento e direitos sociais das comunidades locais em Moçambique. Em: REVES - Revista Relações Sociais 5 (2).
- Manjoro, A.; Rosse, M. E. G.; Ferreira, A.: Desafios de Moçambique Após os Ciclones IDAI e Kenneth. On-line. Disponível em <https://iep.lisboa.ucp.pt/asset/4386/file>, Última verificação em 22/07/2023.
- MEDH - Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (2014): Projeto Escolas Seguras. Catálogo de medidas técnicas. On-line. Disponível em <https://docplayer.com.br/195412639-Projecto-escolas-seguras-catalogo-de-medidas-tecnicas.html>, última verificação em 22/07/2023.
- Milgroom, J.; Spierenburg, M. (2008): Induced volition: Resettlement from the Limpopo National Park, Mozambique. Em: Journal of Contemporary African Studies 26 (4), pág. 435–448.
- Minayo, M. (2001): Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.
- Misoch, S. (2015): Qualitative Interviews. Berlim, Munique, Boston: Walter de Gruyter.
- Ozawa, E. (2018): Debaixo da ponte: Impactos sociais do reassentamento populacional na Catembe. Em: Destaque Rural 32.
- Salvador da Conceição Rebelo, M. (2020): Exposição, Vulnerabilidade e Risco aos Perigos Naturais em Moçambique: o caso dos ciclones tropicais no Município de Angoche. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais.
- Sitoe, A. A. (2023): Revisão Intercalar da Implementação do Quadro de Sendai para Redução de Risco de Desastres 2015-2030. Relatório Voluntário de Moçambique: INGD.
- Swidler, A. (1986): Culture in Action: Symbols and Strategies. Em: American Sociological Review 51 (2), pág. 273–286.